

Os sentidos dos objetos mortos: medições na comunicação urbana

Denise P. C. Tangerino & Diogo Andrade Bornhausen

Resumo:

Resenha do livro *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*.

Palavras Chave:

Comunicação, mídia, cidade, Fabrício Silveira

Abstract:

Book review *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*.

Keywords:

Communication, media, city, Fabrício Silveira.

SILVEIRA, Fabrício. *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010. 126 pp.

Resultante de distintos projetos de investigação acadêmica realizados entre 2000 e 2006 na cidade de Porto Alegre, *O parque dos objetos mortos: e outros ensaios de comunicação urbana* reúne uma série de ensaios realizados por Fabrício Silveira. Com o enfoque de pesquisa nas interfaces dos temas cidade e comunicação, o texto está estruturado em cinco capítulos, sendo que cada parte mantém suas marcas históricas e linhas gerais das publicações originais, porém atribuindo nova vitalidade e trânsito às discussões.

A composição da capa, com elementos tipográficos e ilustrações manuais do ambiente urbano dispostas em fundo cinza, revela a primeira pista das temáticas e abordagens da representação da cidade que o leitor encontrará ao longo do livro. Justapostas, decalcadas e fragmentadas, as imagens da capa – táxi, televisão, lixos, descartes, prédios, grades – remetem aos objetos analisados ao longo dos artigos, destacando a urbes como espaço de fluxos, entrecruzamentos e disputas simbólicas que formam o ambiente comunicativo.

Interessado no debate teórico sobre os temas de comunicação e cidade, Silveira procura analisar a urbes como palco de experimentação de sociabilidades e sensisibilidades tecno-comunicacionais, especialmente engendradas pela proliferação de novas mídias e pelo surgimento de novos aparatos tecnológicos, e como cenário fundamental para compreender as formas de apropriação e ressignificação do espaço público pelos sujeitos sociais. Ao ver a cidade como ambiente em que se geram constantes trocas simbólicas, abastecidas pela reconfiguração da mídia, os textos percorrem específicas abordagens metodológicas e justificadas experiências de pesquisa que se adequam às diversas situações analisadas.

Em seu primeiro ensaio, que também dá título ao livro, o autor se vale de um amplo respaldo

teórico que “vai de Lévi-Strauss a Bourdieu, passando por Bauman e Certeau, para culminar em Benjamin” (SILVEIRA, 2010: 17) para formar um caminho metodológico capaz de interpretar o universo de produção, circulação, consumo e significação dos bens materiais midiáticos da atualidade. Em sua pesquisa inicial está a descoberta dos efeitos da mídia de massa em uma população de baixa renda na periferia de Porto Alegre e, especificamente, como respondem à cobertura televisiva sobre a celebração dos 500 anos do Brasil. Em um segundo momento, a partir da indústria de reciclagem que se estabeleceu nesta mesma comunidade, o autor analisa através dos registros fotográficos e entrevistas a forma como os objetos percorrem um ciclo de consumo - cultural e de materialidades - na nossa sociedade até o momento em que são descartados e reutilizados pelos trabalhadores.

Com a ampla quantidade de imagens feitas sobre estas condições, Silveira questiona a forma como os objetos da cultura são assimilados atualmente e sobre a maneira como esta dinâmica é capaz de revelar uma significativa leitura social e comunicativa dos hábitos atuais. Através do que é identificado como lixo, do que não mais interessa, manifesta-se a compulsão pelo descarte e pela efemeridade com que a sociedade lida com os próprios valores. Valores que só ali, como dejetos, tornam-se plenamente materializáveis, como é o caso da televisão encontrada pelo autor.

Em uma retrocessão do fim último do aparelho, o segundo ensaio, “Mediações e cia.”, busca analisar os processos de recepção, ainda pouco estudados, gerados na relação entre televisão, espaço urbano e interações coletivas. Tendo como *locus* de observação dois bares da capital gaúcha, onde tal mídia ocupa locais de destaque, tanto pra quem ali está como para os transeuntes que veem suas imagens à distância. Compreender, em uma abordagem etnográfica, as relações que se estabelecem a partir do uso do aparelho em ambientes coletivos é o principal objetivo do autor.

Recorrendo ao conceito de *medialidade*, elaborado por Hans Ulrich Gumbrecht, o autor confere uma sutil análise ao “espantoso leque de usos e funcionalidades” que o aparelho tem em tais espaços e sobre as pessoas que ali estão, como, por exemplo, relações hierárquicas, mudanças de hábitos alimentares e a formação de novas visualidades. Remete à necessidade de construir um conjunto teórico capaz de lidar com estas situações “fluidas e flexíveis”, “e à processualidade um tanto insondável destes usos/consumos midiáticos” (SILVEIRA, 2010: 56).

Em seu terceiro ensaio, “Televisores e corpos móveis na metrópole”, o autor elabora uma particular análise de um elemento bastante presente nas cidades e que foi alvo de poucas pesquisas até então, os taxistas, ou melhor, a relação dos taxistas com o ambiente urbano, suas observações, seus pontos de vista e a forma como interagem com todos os elementos da metrópole. Partindo em exercício caracteristicamente benjaminiano, como é sua proposta, Silveira vai em busca das sensibilidades expostas na urbes, seus detalhes, suas belezas e suas imagens que só poderiam ser auxiliadas por este personagem.

Em um segundo momento, continuando com as entrevistas e sua própria observação, o autor revela, novamente, a presença da televisão, só que desta vez dentro dos táxis. As razões, as funcionalidades e as histórias são apresentadas como um jogo entre dois mundos, de um lado o mundo vivido e do outro a mediação do televisor que, embora os taxistas neguem, claramente se mescla às relações deles com a metrópole, com seus passageiros e na forma como observam a realidade. O taxista torna-se o *flâneur* contemporâneo, vive a realidade através de sua observação ao mesmo tempo em que também é mediado pela programação constante.

Já o penúltimo capítulo, “Assinaturas urbanas”, faz uma breve contextualização das transformações dos usos, das apropriações do urbano e da aceleração da vida desde o século XIX. Recorrendo inicialmente às impressões de Nicolau Sevcenko sobre a revitalização do espaço público, Silveira demonstra a centralidade da cidade como suporte de diversas intervenções que poderiam ser classificadas como disputas políticas. Nesse contexto, os sujeitos sociais se apropriariam semioticamente do cenário urbano projetando e materializando diversas assinaturas – grafites e pichações –, ações que Michel de Certeau classificou como “textos de resistência” (*apud* SILVEIRA, 2010: 79).

Com este enfoque o autor procura fazer uma leitura abrangente destes e de suas comunicabilidades quando ocupam a arena pública. Faz, com isso, três distinções que configuram a forma como as imagens e textos se mesclam aos diversos cenários: aos que possuem a lógica do mercado, aos que carregam a

lógica da sociedade civil e àqueles que respondem aos regulamentos institucionais. Essas diversas intencionalidades formam, segundo o autor, uma alarmante heterogeneidade de estímulos que causam uma *disputa simbólica*. Como olhar esta junção caótica de signos? Silveira lança a pergunta e procura respondê-la através do que denominou como *etnografia do olhar*, ou seja, uma visão mais apurada do espaço, conseguida através do registro fotográfico e posterior análise.

Continuando com suas investigações sobre as percepções possíveis dos diversos elementos presentes na cidade, o autor elabora em seu último texto, “Uma cidade em quadro clínico”, uma profunda reflexão do conceito, bastante trabalhado por Walter Benjamin, de *inconsciente ótico*. Neste termo é possível, segundo o autor, apresentar da melhor maneira o que representa as preocupações do filósofo alemão. A partir desta abordagem, Silveira se preocupa em problematizar a referida ideia, objetivando obter uma metodologia capaz de abarcar as “inscrições e efeitos de sentido” identificados através das fotografias – dotadas de forte componentes narrativos – que foram feitas ao longo da pesquisa.

O trabalho com as fotografias demandou duas ações metodológicas diferentes e complementares: o registro e a análise do material. A primeira foi realizada em vários momentos, o que resultou em 350 fotografias obtidas no intervalo de quatro meses. Já na segunda etapa, de edição, seleção e agrupamento, permitiu ao autor levantar a sua principal hipótese, a construção de um *inconsciente ótico metropolitano*. Avançando, ou delimitando, o conceito de Benjamin é operacionalizado à possível leitura e interpretação da profusão de imagens presentes nos cenários urbanos reveladas na dimensão imanente do registro fotográfico, na sucessão das fotografias e na imagem “lacunar ou ausente”. Esta metodologia permite assim, revelar os nuances da cidade, suas modificações e imagens que não seriam possíveis de observar plenamente a olho nu.

Estruturalmente pode-se dividir a pesquisa de Silveira em dois momentos, no primeiro, que contém os três primeiros textos, revela-se a presença do aparelho televisivo. Não necessariamente através de sua programação, os textos aludem à força simbólica da materialidade desses *media* na sociedade contemporânea, das telas, que mesmo quebradas em um lixão, continuam a exalar presença constante na vida cotidiana, embalando conversas, trabalhos e a própria mediação do mundo.

Na segunda parte, perplexo pela quantidade de imagens que nos invadem a todo instante quando nos deslocamos pela metrópole, procura compreender as dinâmicas envolvidas nesses processos. Tentando insistentemente flagrar esses momentos, essa história que passa diante de nossos olhos e nem sequer vemos, Silveira adere à máquina. Talvez por ser justamente ela, a produtora e a consumidora, que seja capaz de apreender o que o organismo não vê.

Embora seja possível fazer essa separação de objetivos dos textos, ao lê-los outras relações aparecem, outras imagens, trazidas pelo entusiasmo do autor, que nos fazem pensar sobre os nossos hábitos e vícios comunicativos. Não à toa, a contracapa é assinada por Norval Baitello Júnior, que declara que o livro nos oferece um “duplo presente: analisa o entorno como parte da chamada mídia e leva ainda em consideração a corporeidade dos objetos da comunicação”.

Comunicação que cada vez mais, e até no terreno da metrópole, é mediada pelos aparelhos, pelas imagens. E é disto que Silveira trata, deste tipo de processo comunicativo e da necessidade, cada vez mais urgente, de se elaborar métodos, teorias e novas abordagens em relação a estas condições impostas.

Recorrendo novamente a Baitello (2005), que desenvolve a teoria do pensador alemão Harry Pross, a comunicação começa e termina no corpo e é através deste corpo que Fabrício nos revela o urbano. Em seu incessante exercício benjaminiano - novamente, não à toa o filósofo é permanentemente citado - de embarcar incondicionalmente na aventura metropolitana, os ensaios nos remetem sempre à *flânerie*. Com sua constante agudeza e extrema sensibilidade em enxergar a cidade, o autor questiona a si próprio e também aos seus leitores sobre as novas formas possíveis de viver o mundo e a própria comunicação.

Bibliografia:

BAITELLO, Norval. *A era da iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker, 2005.

Mini Currículo :

Denise Tangerino é mestre pelo Programa de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, orientada pela Prof. Dra. Rose de Melo Rocha.

Diogo Andrade Bornhausen é mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, orientado pelo Prof. Dr. Norval Baitello Jr. Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (Cisc). Bolsista CNPq.